

TERCEIRO ATO

À medida que a população brasileira fica mais velha e feminina, uma geração de mulheres chega aos 60 revolucionando o que entendemos por velhice e mantendo vidas profissional, social e sexual bastante ativas – sem previsão para parar

POR **MARIANA GONZALEZ**

FOTOS **CARINE WALLAUER**, do Rio de Janeiro (RJ)
MAYRA AZZI, de São Paulo (SP)

UMA MULHER DE CABELOS brancos presos em um coque, vestido na altura dos joelhos, óculos, pouca ou nenhuma maquiagem. Ela sai de casa apenas para compromissos essenciais como supermercado, consultas médicas e visitas aos familiares mais próximos. Essa mesma mulher cultivava habilidade para costura, bordado ou tricô e é sempre elogiada pelo que cozinha. Está casada há mais de três décadas com o mesmo homem. Se é viúva, certamente segue apegada ao marido morto e se dedica a cuidar dos netos e agradá-los com bolos e quitutes. É provável que, diante dessa descrição, você

tenha se lembrado de suas avós, tias ou até mesmo de sua mãe. Ou ainda da Dona Benta, dos clássicos de Monteiro Lobato, ou qualquer outra avó doce e amorosa da literatura ou televisão. Essa imagem, no entanto, cada vez mais pertencerá ao passado. As mulheres que agora chegam aos 60 nas décadas de 10 e 20 do século 21 raramente correspondem a esse estereótipo.

“Hoje, mulheres de 60 anos estão começando novas profissões, novos relacionamentos, novos projetos de vida. Tudo isso enquanto, muitas vezes, cuidam de seus filhos e netos e também de seus pais, que ainda estão vivos”, analisa a antropóloga Mirian Goldenberg, que ▼

GRANDES DESCOBERTAS

OS 60 CHEGARAM para Silvia Escobar – ex-Pfeifer – junto com uma separação após décadas de um relacionamento que começou na adolescência e o isolamento da pandemia. “Foi aquele período de pânico total, todo mundo trancado e nós, atores, sem perspectiva de trabalho”, lembra ela. Essa sucessão de fatores, aliada a alguns anos longe da TV, levou a atriz, hoje aos 66, a refletir sobre a passagem do tempo. “Estou entrando numa faixa etária de pouco trabalho e aprendendo a lidar com esse novo ritmo. ‘O novo sempre vem’, como diz Belchior, e a gente tem que aceitá-lo, porque é o ciclo normal da vida. Mas não se pode dispensar pessoas experientes quando elas ainda têm capacidade de sobra de criar e contribuir”, diz Silvia.

“A diversidade é importante. Infelizmente, quando falamos em idade ainda não está acontecendo no sentido prático. E isso é curioso porque, nesta altura da vida, somos tão presentes e atuantes na sociedade, tão consumidores, mas não temos nossas histórias contadas. Cada vez baixam mais a idade média do elenco e falam menos sobre a vida de pessoas mais velhas.” Pensando nisso, um dos planos de Silvia – ainda em fase de concepção – é a montagem de uma peça de teatro discutindo questões que tocam homens e mulheres após os 60 anos.

Outro projeto que tem ocupado seus dias é a poesia. Ela compartilha o que chama de sua “grande descoberta dos últimos anos” nas redes sociais e no programa *Sons & Poesias*, da BPM Rádio Brasil, onde declama diariamente há dois anos. “Estava numa fase que não conseguia ler um livro do começo ao fim, mas a poesia realmente me reconectou com a leitura”, conta.

Quando pensa sobre o próprio envelhecimento, a preocupação que a atriz traz à tona é a saúde, mas logo lembra dos pais, especialmente da mãe, que segue envelhecendo muito bem, aos 91 anos: “Ela lê muito, sabe de tudo o que acontece no mundo, usa inteligência virtual e troca de roupa sozinha sem precisar se apoiar em nada. E a mãe dela também fazia tudo isso até morrer, prestes a fazer 101. É assim que eu quero envelhecer”, finaliza.



“Essas mulheres são as mesmas que fizeram a revolução comportamental. São a geração dos anticoncepcionais, do divórcio, do feminismo na prática; são revolucionárias”

MIRIAN GOLDENBERG, ANTROPÓLOGA

há mais de 30 anos pesquisa envelhecimento e felicidade e é autora de *A Invenção de uma Bela Velhice* (Record, 2021).

À medida que a população brasileira fica mais velha e mais feminina, com expectativa de vida de 79 anos para as mulheres, como mostrou o Censo 2022, assistimos a uma consistente mudança de paradigmas. As brasileiras com 60+ têm vidas profissionais, sociais e sexuais bastante ativas, mas não sem enfrentar contradições entre o ritmo que levam e os valores que a sociedade ainda impõe sobre as mulheres, especialmente quando envelhecem – quanto mais assumem compromissos profissionais, menos tempo dispõem para conviver com os netos, por exemplo.

“Essas mulheres são as mesmas que fizeram a revolução comportamental nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil. Elas são a geração dos anticoncepcionais, do divórcio, do feminismo na prática; são revolucionárias e, por isso, não aceitariam se enquadrar em um modelo de envelhecimento que limite suas escolhas ou decreta a invisibilidade. Estão revolucionando a velhice, reescrevendo esse capítulo da vida para as novas gerações”, percebe a antropóloga.

Essa mudança de comportamento está clara, inclusive, nas políticas públicas: em 2023, entrou em vigor uma lei que alterou o símbolo que representa pessoas idosas, substituindo a antiga

imagem de uma pessoa curvada usando uma bengala por um simples sinal de “60+”, muito mais fidedigna aos 60 anos de agora.

Goldenberg criou três termos para identificar as principais características ou sentimentos que tangem essa geração de mulheres. A “velhofobia”, que diz respeito ao medo de envelhecer, que ainda existe apesar dos avanços das discussões acerca de etarismo; a “velheuforia”, porque, pela primeira vez em suas vidas, elas podem viver tudo o que não fizeram antes, culminando em um fenômeno chamado de “divórcio grisalho”, ou seja, a separação após os 60, “seja porque não querem mais parceiros ou porque não querem mais os mesmos parceiros e entram em aplicativos de relacionamento, começam a usar vibradores, descobrem novas formas de se relacionar”; e, por último, a “velhautonomia”, porque chegam aos 60 anos muito mais livres para fazer escolhas do que aos 20, aos 30 ou aos 40.

Nesta edição, *Marie Claire* perfila quatro mulheres que têm entre 60 e 69 anos. Elas refletem sobre a passagem do tempo e a chegada ao chamado “terceiro ato” da vida, como se refere à velhice a atriz e ativista norte-americana Jane Fonda. Também falam de memórias do passado e desejos para o futuro – sem qualquer plano de diminuir a velocidade ou se acomodar.



A CERAMISTA HIDEKO HONMA, de 68 anos, vive uma vida que, como descreve, seria “impensável” para sua mãe e avó na mesma idade. “Elas ficavam em casa, cuidando dos netos e dos afazeres de casa. Eu sou a primeira geração de mulheres da família que chega aos 60 com uma ocupação que gosta.” Por outro lado, Hideko sente não se dedicar mais aos netos, de 14 e 4 anos. “Falo com eles todos os dias pelo WhatsApp, mas presencialmente é raro, e isso me dá uma sensação de distanciamento da família. Penso que, se tivesse mais tempo, poderia ir para a cozinha fazer um almoço para eles. Mas meu trabalho é gratificante e minha carreira é um legado importante para meus filhos e netos”, diz ela.

A família e as contradições que ela impõe aparecem como um pilar importante nas reflexões de Hideko acerca da passagem do tempo, especialmente porque houve um momento em que se distanciou de suas raízes, dos avós e da cultura japonesa, marcas importantes em sua vida e em seu trabalho.

“Quando era criança, misturava o português e o japonês, que era falado em casa, e sofria na escola. Com isso, fui me distanciando da língua e da cultura. Anos mais tarde, já adulta, estava meio perdida, sem saber o que fazer, e meu pai dizia que, quando não sabemos para onde ir, temos que voltar para casa, para as nossas raízes. Decidi ir ao Japão”, lembra.

Hideko passou três meses em Arita, cidade em que foi descoberta a primeira argila de porcelana, no final do século 16. Por lá, foi aprendiz em um ateliê de cerâmica em que, entre as primeiras lições, estava confeccionar 1.000 tigelas simples, para comer arroz ou missoshiro, exatamente iguais. “Passei três meses fazendo as 1.000 tigelas, mas odiava, tinha um espírito ocidental e não via sentido naquela repetição. Agora, entendo a importância desses ensinamentos. Tive que retornar, reencontrar minha cultura, e isso me deu segurança.”

A partir da viagem, a artista desenvolveu um trabalho de cerâmica brasileira inspirado pela cultura japonesa. “Estou casada há 50 anos e, quando me casei, era sustentada pelo meu marido. Hoje, a cerâmica é meu sustento financeiro, mas principalmente o da minha alma. Quando me sento no torno e centralizo o barro, consigo meditar, me colocar no centro do meu universo. Não vou parar nunca. A cultura japonesa tem uma valorização enorme do envelhecimento, da experiência da vida, e não só de pessoas, mas de coisas também. Um objeto velho, uma arquitetura antiga, tudo isso é valorizado.”

VIDA EM EQUILÍBRIO



A EMPRESÁRIA E COMUNICADORA de moda Sonia Gonçalves é uma mulher de hábitos muito arraigados. Desde suas memórias mais antigas, mantém uma vida de exercícios frequentes, caminhadas de 10 mil passos todos os dias, alimentação equilibrada e noites em

casa, dormindo cedo. Mas, dentre todos esses hábitos, o que ela mais preza, aos 60 anos, é manter vida pessoal e profissional absolutamente distintas.

"Trabalho com moda, que é um delírio e uma curiosidade mundial. Nunca fiz nada além da moda, mas não vivo só da moda, não vivo para a moda. Tenho outros sabores, outras coisas que me fascinam", diz uma das pioneiras em comunicação e relações públicas em moda e hotelaria no Brasil, à frente da MSG Comunicação. "Amo cinema, literatura, meu marido adora arte e me ensinou a olhar para um lado muito colorido das obras."

Em contrapartida a tanta disciplina, sempre se permitiu certas liberdades, como almoçar empada ou sorvete se tiver vontade, e manteve muitas amizades, laços que são essenciais para a vida de uma filha única. "Não saberia viver sem esse equilíbrio."

A beleza é outra área da vida em que Sonia conserva hábitos firmes: desde muito nova, mantém os cabelos longos da mesma cor, natural, aparando os fios ela mesma, em casa; também não usa maquiagem ou peças coloridas, tampouco deixa os ombros à mostra. "Gosto de ver mulheres vestindo colorido, mas essa não sou eu. O preto e o branco são minhas escolhas. Vou a casamentos usando smoking e nunca comprei um vestido de festa, porque nunca fui uma pessoa de enfeites. É o meu estilo. Cada mulher é um universo diferente, tem uma beleza muito específica e precisa conhecer a fundo seu estilo."

Filha única de mãe divorciada, Soninha, como é conhecida, veio com ela de João Pessoa para São Paulo ainda muito pequena. "Minha mãe foi minha família a vida inteira. Ela trabalhava em uma loja de tecidos e sempre comprava cortes para fazer as minhas roupas", lembra. "Sempre se embelezou muito, sempre gostou de perfume e adorava também me arrumar. Ela foi minha referência de beleza aos 60, 80, 90 anos."

Para além da referência da mãe, falecida, Sonia não planeja muito o futuro, especialmente no que diz respeito a seu trabalho: "Eu não sei como será a minha vida daqui a dez ou 20 anos. Nunca fui uma pessoa de planos. Se sentir vontade e puder trabalhar aos 90 anos, estarei feliz. Se quiser parar, também. Não tenho esse compromisso com ninguém". E completa: "Talvez esteja fazendo coisas que ainda não fiz por falta de tempo, como uma viagem incrível. Também pode ser que, aos 80, eu tenha uma grande livraria só para emprestar livros, vai saber".

PRODUÇÃO EXECUTIVA: VANDECA ZIMMERMANN/
AGRADECIMENTO: STUDIO JACQUELINE TERPINS

ENVELHECER INÉDITA



QUANDO VIU UMA GRANDE amiga chegar aos 60, a atriz, cantora e poetisa Elisa Lucinda presenciou uma cena que nunca esquecerá: "Estávamos de férias numa fazenda e a neta dela, que também estava por lá, chamou a avó para ir à piscina. Minha amiga respondeu que ia, mas que antes ia buscar seda para bolar um baseado", lembra. "Aquilo, para mim, foi uma epifania. Eu sou de uma época em que uma avó jamais diria isso. Mais tarde, ouvi essa mesma menina se referir ao 'namorado da vovó'. Essa frase não existia quando eu era criança. Os tempos mudaram e nós somos os mais jovens velhos do mundo."

Ao refletir sobre a idade que tem, 66 anos, Elisa se descreve como "uma mulher sexagenária, sexy, que tem uma vida sexual, profissional e de palco muito ativa". É fato: faz shows que duram três horas, está em cartaz nos teatros e é casada com um homem de 34 anos - assunto sobre o qual está sempre pronta para refutar qualquer comentário ou insinuação preconceituosa. "Tenho uma prima mais careta e um dia ela me disse que estava preocupada porque vou envelhecer antes dele, querendo dizer que ele ia arrumar uma mulher mais jovem e eu ficaria sozinha na velhice. Não estou com ele por causa do futuro, mas por causa do presente. Além disso, quem disse que eu não posso enjorar dele e arrumar outro?"

Elisa conversou com *Marie Claire* minutos depois de fazer as fotos para esta reportagem e comemorou o fato de ter posado de vestido curto e quase sem maquiagem: "Eu só faço pele no cinema e na televisão porque sou obrigada", explica ela. Maquiagem, para ela, só se for para colorir: "Gosto de pintar o olho, a boca, de formas que as pessoas sabem que é uma pintura. Não sou mulher de batom cor de boca", brinca.

"Quando sou chamada para fazer uma avó no cinema, tenho que brigar porque não querem colocar nem um batom na avó. Falam que vai ficar sensual. Mas qual o problema? Meus ídolos fizeram 80 anos rebolando no palco. Ney Matogrosso, Caetano Veloso. O mundo mudou e a gente precisa se reeducar."

Por isso, rebate quando pessoas próximas, da mesma faixa etária, fazem comentários como "no nosso tempo era melhor" ou "saudades do nosso tempo". "Essa frase tem mofo, é um retrato amarelado. O nosso tempo é agora."

"A nossa geração ficou black power, lutou pela democracia, descobriu uma nova maneira de viver. Eu passei por tudo isso para envelhecer mal? De jeito nenhum. Eu quero envelhecer inédita." ■